

UM POEMA É UM HORIZONTE ENSTEMPESTADO

Analice Chaves

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

PARTE I

“Sobre a época de ventania, uma
cidade lotada de tigres e mensagens
engolidas por baleias”

[...]
I'm only honest when it rains
If I time it right
the thunder breaks when I open my mouth [...]
(Sleeping at Last)

...

Quem tem medo do mar
não pode fazer poesia
E eu tenho
Não pode viver de amor
mas eu tento
Não pode navegar
Mas eu não preciso de mar
E navego

...

Tenho medo do mar

Tenho medo do mar porque me parece – e é – um organismo vivo

Tenho medo desse ser muito vivo e muito forte

Porque a bruta rotina de atirar-se aos pés da cidade e tentar puxá-la para si raivoso é muito mais do que eu conseguiria

Tenho medo do mar porque finda em oceanos

porque é um fazedor de distâncias

e porque todos os rios do mundo vieram parar aqui

Tenho medo do mar longo, muito longo, porque me arde os olhos e os cantos da boca

Porque ele tira o meu controle sobre mim

Porque qualquer tentativa de contê-lo é vã

Tenho medo do mar como se tem medo do desconhecido

Porque estraga a mobília três ruas distante

Porque não tem pressa e nem espera ninguém

Pois tem milhões de começos e nenhum final

e pouco se comenta sobre o infindável, pouquíssimas coisas o são

Porque não dorme,

Porque não se cansa

E porque tudo, daqui onde piso até o perder de vista,

é só a beirada

...

Marítimo I

Eu tanto rasguei a garganta gritando o nome do amor
eu tanto pedi que viesse
eu tanto jurei que podia ser forte o quanto quisesse
que subestimei a intensidade
ou não
nunca nem considerei a intensidade
mas lá estava eu: coração de castelo de areia
três pênseis tímidos andares de pó
vendo respirar o mar compassado
como o peito que sobe e desce calmo e no silêncio se percebe
tremular
E ameaçava me alcançar, o amor mar ameaçava
e esticava os braços de ondas de renda o quanto podia
e não me tocava
intacta
Mas houve essa volta em que brandiram os ventos
e ergueram pelas costas o mar que se curvava
e alto ele ficou, tão alto ele ficou
que o amor caiu lá de cima com o peso de três universos e
como se não fosse óbvio
eu, pequena, modesta, diminuta, minúscula, breve
vim ao chão e meus grãos eram nada além de grãos
caco de mil anos, não caco e caco de coração
e praguejava o mar, vociferava o mar

dizia maldito maldito maldito maldito
até, estilhaçada, ver que ele seguia inteiro
nem um arranhão, cada vez mais forte
porque é incontável, como eu não sou incontável
parece que não mais me reconstruo, impossível
mas meus cacos de coração são grãos como são todos os
outros grãos
e moro a seus pés e já não grito mais
...

Marítimo II

Há pouco o vento redemunhou a praia
levantando mares pelo litoral
meu corpo frouxo, fraco e desatento
é um chão coberto de areia e sal

Não há outro vento que me limpe a pele
nem forma prática de ignorar
Já pouco me difiro da imensidão na praia
Sou alvo de alcance de onda do mar

Precisarei chacoalhar-me sem forças
perder o fôlego para perder o sal
da areia que cobre meus pés, pulmões, peito
desde que se redemunhou o litoral


Só

I.



Moro aqui nesta praia
numa ilha deslebrada
que baila com mar que a rodeia
Mensagens engarrafadas
vêm toda manhã carregadas
parte das bagagens das baleias
Não conheço nenhuma das línguas que trazem
nenhum perfume guardado me acorda alguma imagem
nada
mas a maré me lambe os pés
toco as testas dos albatrozes
e é meu idioma que eles carregam consigo

II.

Já conheci o espaço
lá esqueci um pedaço
o coração, que desprendido do chão, orbita
um satélite em vácuo
não há comunicado
nem onda de rádio que o alcance à deriva



Mas os vê de lá, partir, chegar, nunca sozinhos
que ser inteiro em terra firme é se encher de caminhos
Alguém, por favor, avise que o astro anunciando seus destinos
é, na verdade, só meu coração satélite perdido
e que não sei como trazer de volta a atmosfera





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Sabon Next LT
Pro pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em agosto de 2022.
